



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/coorientado-por-exu/>

Qual doutorado não seria coorientado por Exu? Uma fuga à nossa coautoria; e as referências que não cabem

Rafael Manfrinatto de Carvalho[1]

RESUMO: Ensaio experimental de um devir exúdico na escrita; como na leitura. Por um texto-encruzilhada que se faz ebó à fuga – nossa – por uma coautoria no in-possível. Remixa todos os sete pontos, tópicos descritos na chamada deste dossiê, considerando relatos de experiência e assentamentos conceituais atravessando e sendo atravessados pela pesquisa doutoral que se dá no RoLê das Domésticas, uma prática e tecnologia de roda do Coletivo Cultural Comunitário Encruzilhada Estrela Dalva, em que vários outros projetos e agenciamentos se encruzilham com as narrativas de si que, como vemos nesta escrita: são de nós. Onde tudo comunga o fazimento de comunidade; o aumento das potências de Vida. Considerando Exu e outras presenças, sempre a mesma, para além dos nomes, entidades e identidades. Numa lida esta, trabalho de grupo, por sermos a Terra... em devir-amor.

PALAVRAS-CHAVE: Exu. Encruzilógica. Kaligrafia. Rotas de fuga. Coautoria.

What doctorate (PhD) wouldn't be co-supervised by Exu? An escape to our co-authorship; and the references that don't fit

ABSTRACT: An experimental article/essay on an "exudic" becoming in writing, as in reading. Along the crossroad-text that becomes an "ebó" itself to our escape through a co-authorship in the "in-possible". It remixes all seven points, topics described in the call for papers within this dossier, considering experience reports and conceptual settlements that both traverse and are traversed by the doctoral research taking place in "RoLê das Domésticas", a "wheel technology" run by "Encruzilhada Estrela Dalva", a community cultural collective where various other projects and agencies intersect with narratives of self that, as we see in this paper: are ours. Where everything shares for the community making; the increase in the powers of Life. Considering Exu and other presences – always the same – beyond names, entities, and identities. In this endeavor, as a group work, for us to be Earth... in becoming-love.

KEYWORDS: Exu. "Encruzilogic". "Kaligraphy". Escape routes. Co-authorship.



Agô.

É assim que começamos. Pedimos licença. E a bença também.

Festejamos um espaço como este. Um baita dossiê. Uma revista aberta, afim. Dispostos ao sem fim das coisas; da Vida. Assim mesmo, fica a dúvida com este texto: um ensaio, um artigo? Não sabemos. Entretanto, o chamemos por ensaiartigo – com tanto fazendo; num ótimo sentido.

Isto porque Exu é e não é. Ou seja: tanto faz. Como faz tanto.

Todavia, é um desafio – não deixa de ser – estarmos neste mundo. Quando lemos os sete pontos relativos às submissões desejáveis nesta chamada, imaginamos: nós estamos pelos sete. E assim há de ser o tempo todo; cada vez mais. Setenta vezes sete e além disto. Tudo está em relação. Felizmente, a revista não nos pede que apontemos em qual item tudo se enquadra, como fazem ainda muitos sistemas mundanos. (Não)há-final: a Vida quer viver. Nós podemos ser; assim. Simplesmente sendo. Sem enquadramentos. Este texto como um Exu; Seo Sete-Tópicos – com tantos mais.

Já dissemos por aí que Exu talvez não desse muita trela ao drama shakespeariano do ser ou não ser. Inclusive: qual a cor de seu chapéu? As sabenças exúdicadas transmitidas nas oralidades nos ensinam.

O que então se dá a ver, em expressão por este ensaiartigo, é o ato/gesto de uma falescrita. Falescrever como verbo em movimento de considerar. Considerar como sendo a mobilização de ser-se – um – com o sideral... Mais que pensar, isolada-mente, nós consideramos. Consideramos enquanto falamos; enquanto escrevemos. Escrevemos falando. Falescrevemos. Nos caminhos per-feitos pelo caminhar.

Este texto atravessa e é atravessado por muitos processos nossos desde a criancice. Não se dedica em explicá-los necessariamente. Eles estão aí; na Vida. E este texto é só um texto... que não quer conter tudo: mas incounter-se.



E a propósito duma in-continência, com pomba riscamos:

[eu]

D[eu]S

J[e]S[u]S

[e]X[u]

O poema é nosso. E aproveitamos de sua presença para firmarmos a escolha poética-política de, aqui, não demarcarmos nenhuma referência direta. Queremos abordar, assim, a questão tão cara ainda à nossa espécie – e a seu mundo – da autoria.

Exu é um mediador. É o que somos: mediadoras/es, médiuns; meios. Nada aqui é da autoria de ninguém. Itãs exúricos – dentre tantos, que se mantiveram através das gerações sem nenhum registro escrito – passaram por inúmeras metamorfoses em seus devires e percursos; podendo ser que pessoas diferentes os tenham aprendido em versões amplamente distintas por diversos ilês e terreiros, com variadas formas de processos e guianças. Agora: qual seria a verdadeira? É por isto que nos atravessou e através de nós se propôs o assentamento conceitual da Encruzilógica.

A encruzilógica é a lógica das encruzilhadas; uma lógica ignorante do dilema shakespeariano fundamental de todo (des)cartesianismo. Aprendemos que Exu de pé não faz tocar nem a candeia; mas sentado vai até o teto. Isto que seria para muitos uma coisa ilógica, metamorfoseia-se em outra: encruzilógica por princípio.

Pode ser que a câmera fotográfica tenha sido criada em dois lugares diversificados da Terra ao mesmo tempo. De modo semelhante, poetas chegavam a versos consideravelmente parecidos por todo o mundo. Carolina Maria de Jesus viveu a autoetnografia precedendo a invenção do termo. Antes também que Conceição Evaristo cunhasse a escrevivência esta já vinha vivida por outras, mais velhas. A encruzilógica não nasce quando dizemos a palavra; nem seria ela invento nosso. Ou melhor: seria sim. Mas sempre nosso no máximo sentido. Um nosso comunitário; total. Que assume a Vida como, desde seu em-tudo, um processo de coautoria.



Todavia, não negamos a existência do plágio – aliás, em si, um termo encruzilógico por suas origens e etimologias. Pelo grego vindo de oblíquo, aquilo que está de lado e/ou é atravessado. Enquanto que pelo latim, algo vinculado a sequestro; roubo de pessoas escravizadas. Com todo seu significado sendo, em algum momento, resultante na idéia de cópia e apropriação in-devida.

Ora, talvez existam plágios e plágios – como acontece com tudo. Com alguns sendo bons; outros maus. Aqui, abrimos um parêntese para anunciar que: neste com-texto, queremos – no que for cabível pelas páginas de que dispomos – tratar tanto da dualidade; quanto do que está para além dela. E tendo na tensão bom/mau uma expressividade muito representativa dos maniqueísmos, aproveitamos para assumir que bom seja qualquer ato/gesto que aumente as potências de Vida; ao passo em que mau seja – ao revés – gesto/ato qualquer que as diminua.

Muitos plágios existentes hoje são sem dúvidas nocivos, subjugados a um modo de lidar com o ego que assume a separação radical das nossas vidas como algo possível ou desejável. Ao mesmo tempo, nossas crianças aprendem por mímese. São plagiadoras natas; principalmente se considerarmos que a própria reprodução humana seja a seu modo uma tecnologia de cópia. No entanto, as crianças imitam em favor da Vida – do aumento de suas potências – sempre. E se em algum momento suas operações começam a ser inversas – e em suma, desamorosas – é porque ficaram privadas, nos seus entornos humanos, de um acesso liberado à Vida... pleno de oportunidades para o amor; a que sem fim pudessem copiar.

Por aqui, nós protegemos até as – boas – possibilidades do plágio pela composição daquilo que nos importa mais manter em consideração: nossa coautoria. Que pode ser o jeito decisivo para (r)existirmos com e no planeta; mas que acaba sendo, ainda, uma razão – a mais – às nossas tretas.

Espanta que escolhamos até hoje a tensão por definir quem é o dono, quem manda, quem detém a propriedade; em vez da alegria por compartilhar a intimidade que nos dá a convivência entre a composição e a compostagem. Mais que sermos todas poetisas: sermos todos poemas. Vidas compostas pela Vida, que assim se fazem – também – compositoras; de si como da mesma.

Ouvimos dizer de uma pessoa doutoranda que teve como coorientadora uma entidade exúrica feminina. Por que não? Temos esta música chamada *A extraordinária viagem de capitão Teteu ao outro lado das coisas* que fala, dentre outros assuntos, de um voo de avião. Certa feita, num ensaio gravando, uma aeronave passou baixinho – barulhenta – bem no meio da nossa canção. Nosso



amigo parou de tocá-la e foi logo apagando a versão. Não deu tempo para evitarmos. Mas aquilo esteve perfeito. Era a Vida com a gente, ali. Nossa música compondo a banda sonora de algo bem maior que nós. Que ainda assim – de graça – manifesta-se para e na gente, compondo junto as singularidades destas nossas trilhas. Tudo daquele jeito... pequenininho e gigante; como o próprio Exu.

Outro assentamento conceitual que nos atravessou e atravessamos foi o que chamamos de Kaligrafia. A kaligrafia é uma consideração encruzilógica de leituras e escritas; fruição e produção. Considerando tudo como gráfico in-possível de ser lido-escrito. O porquê do nome nós contamos noutras inscrições e escrituras além desta, embora aqui possamos com-textualizar sua relação à in-possibilidade de uma deusa indiana, Kali, ser – também – alguma Nossa Senhora Aparecida brasileira; dentre outras mais. Algo que outrossim mantém-se desdobrado em expressões como aquela do poema que citamos acima.

Voltemos, então e mesmo, ao poema – este que se fez na sina desta língua que fizemos brasileira; como kaligráfica:

Eu em Deus, em Jesus; em Exu. Este eu também no ateu, complexificando ainda mais as coisas. Aparentemente, tendo eu em tudo. Eu na criança que plagia, querendo aprender da Vida; potencializá-la. Eu em nós, que servimos de base a estas crianças. Eu em Exu... E o que este eu nos ensina?

E se nós aprendêssemos que este – eu – nunca é só?

Funcionaria o altruísmo sem egoísmo? A alteridade sem identidade? Por isto nos atravessou um dia a proposição de um Nobisismo; que depois atualizamos para Noisismo mesmo – muito mais a ver com nós. Uma Noisidade; comunidade nossa. Sempre outra. Sempre una.

Parece que todas nós precisamos viver, aqui, um processo a podermos nos sentir ao ser. E se este processo for também – e já – aquele em que nos sintamos com? Com-fundindo; sentindo o com-junto.

Qual doutorado não seria coorientado por Exu?

Quando chegamos ao nosso, que se começou como um mestrado, não tínhamos ainda o repertório referencial científico-acadêmico que aos poucos vamos organizando e constituindo. E é



maravilho compor um acervo destes. Vivo, dinâmico, encruzilhado; pleno de potências aumentáveis – de Vida – em parcerias, alianças, colaborações. Mas também foi surpreendente percebermos, à medida em que líamos estas referências antes inéditas, que tudo aquilo já estava em nós. Como se tudo estivesse mesmo na Vida – (não)há-final, onde mais estaria? – e tivéssemos vivido nossos acessos até então por outras vias; por aí...

Todas as mulheres em nosso RoLê das Domésticas ao lermos juntas *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, expressaram o seguinte: eu poderia contar esta história; porque ela é também a minha. Françoise Egá sentiu e soube a mesma coisa apenas lendo uma simples matéria sobre a autora que saía em Marselha, na França, no busão a caminho do trabalho; sem ao menos ter chegado a ler diretamente o livro. Nós aqui – dentre outras atividades – mediamos a expressão de algumas músicas no mundo; e aquilo que mais nos emociona é quando alguém com-sente que uma destas obras, outrossim, é sua.

O termo autor vem do latim; de um verbo que significa aumentar. Assim, se é verdade que quem conta um conto aumenta um ponto, todas as presenças aumentantes das histórias são cocriadoras. Todas as alterações de um itã, por exemplo, são expressões e impressões de seu devir. Tudo: no devir-coautoria que esta Vida é.

Depois de anos processando estas idéias, começamos com a mediação da oficina *Ebós Criativos – nossa fuga para a coautoria*, com sua primeira realização se dando no I Colóquio Internacional *Contaminações Sensíveis – procedimentos com arte, filosofia e educação*, na Faculdade de Educação da Unicamp. Nossa inspiração e expiração são os ebós exúdicos deixados nas encruzilhadas. Alguidares com mantimentos; coisas para as fomes e as sedes; luzes como guias sinalizadoras; tecnologias de compartilhamento; fontes para a força i/material; assentamentos de axé e fé e esperança.

Tudo o que alcançamos são oportunidades que esta Vida que nos concede. Ao compartilharmos, é a Vida que podemos conceder. Uma câmera fotográfica, um avião, qualquer conceito que se preze como aumentador das potências de Vida: é a própria Vida que nos dá. E ela nos dá a todas; como potência convivível, compartilhável, comunitária. Quando nossos conceitos ativarem e operarem esta comunidade, que somos, todas as apropriações serão bem-vindas. Numa contraposição a isto,



enquanto se trabalhe pela diminuição das potências vitais; pouco importa o nome que se dá a uma prática: ela será imprópria.

Em que momento a idéia de autoria passou a indicar propriedade? Quando Conceição Evaristo cunha o termo *escrevivência*, ela está em sintonia com um fluxo; aumentando-o como autora em sentido essencial. Uma coautora, portanto. Durante um tempo nós caímos na armadilha de assumirmos o discurso de que fomos as primeiras pessoas da família a chegarmos à universidade. Mas era mentira. Porque quando nós chegamos lá, toda nossa família chegou junta; numa coautoria de formação universitária, graduação e assim sucessivamente. Onde nós chegarmos, chegam sempre nossos ancestrais. E por mais que haja rejeição a isto: nossa ancestralidade é toda comum. Não apenas humanas, mas quaisquer vidas – seres e coisas – na Terra, compartilham de uma ancestralidade assim. Onde uma está, todas estamos. Quando percebemos uma semelhança entre uma visão em nós e num poeta muito anterior que jamais tínhamos lido, é esta ressonância que se manifesta. Quando Sueli Carneiro e Michel Foucault se sintonizam num conceito, é também isto. Quando nós lemos Deleuze, pessoas que leram e disseram de outros jeitos o que ele disse, se sentimos algo muito próximo ao que já sentíamos, ao que já dissemos, ao que não sabíamos ainda bem como dizer: tudo é um. Assim como em dois povos que a milhares de quilômetros num passado distante separados por oceanos imensos e mais faziam o mesmo rito, diziam a mesma coisa... É este comum in-variável que está em jogo.

Estamos na Terra para errar. At/errar. Somos nômades e não há como não sermos. A Terra em si é errante num sistema que tal qual erra por uma galáxia errante pelo universo que, saibamos: erra também. Não há modos de não ser em movimento. Como não há modos de não ser em-tudo. Eu em tudo, nós em tudo; Exu em tudo.

Tudo se desterritorializa logo após se territorializar, para então se reterritorializar e, logo em sequência, se desterritorializar de novo. É a errância. Um passo após outro. E tudo sendo outro; e outro; e sempre outro – sempre um. Cada vez mais ambos. Num sem fim.

Por isto não temos trabalhado muito a idéia de método. Preferimos aquela do êxodo. Assim, se nos perguntam: qual o método? Dizemos: Exodologia. Como morarmos neste desvio... o deslocamento do erro; os procedimentos no errar. Vemos muitas interpretações que, re-metidas a Exu, re-forçam as dualidades. Quando acreditamos mais que Exu vem acabar com elas.



(Não)há-final, e se constatássemos que o destino de toda encruzilhada é deixar de ser? Fazer o ponto de intersecção explodir remixando tudo. Virar apenas meio. Lugar e não-lugar – linear e não – onde tudo, até o desencontro, seja encontro. E se?

Pode parecer que, através do eu, juntar Jesus e Exu seja uma contradição epistêmica; matricial. Pode parecer um encontro impossível colonial-contracolonial. Mas e se não? E se Jesus tiver uma potência contracolonial em si, e Exu uma que coloniza? Se ambos puderem ser uma e outra coisa? Seo Tranca-Rua levando o marafo na capela para que o padre benza. Uma única coisa o interessa àquele instante. Sua pergunta ao sacristão é direta: a batina deste padre tem dendê? Se tiver, ele benze; se não tiver, ele não. É simples... Está além do nome. Ser eu, ser Deus, Jesus, Exu: nada disto, em si, faz diferença. A diferença – em si – é que se faz. E não é por um nome, qual seja.

O que irá nos acontecer quando assumirmos que a escravização foi praticada amplamente pela humanidade? Que antes do europeu colonizador aportar em África, a colonização já estava lá, com pessoas pretas escravizando pessoas pretas; enquanto na Escandinávia, pessoas brancas matavam pessoas brancas nas fogueiras de um já fascismo? Que um dia toda a população mundial já foi indígena, o que faz de nós todas indígenas ainda como descendentes diretas? O que será de nós quando percebermos que uma guerra entre direita e esquerda é unilateral e absurda num mundo tri e multidimensional? Quando reconhecermos que muitos antifascistas praticam estratégias fascistas de militância? Quando nos dermos conta de que a história do mundo mudará completamente quando os oprimidos não mais almejem – mesmo que inconscientemente – o posto do opressor? Quando deixarmos de ser coloniais em nossos sonhos contracoloniais? Quando entendermos que Exu não é o que pensamos, mas o que ele é em si e por si mesmo?

Outra visão: o colonizador branco europeu invade a África. Ogum dispara na direção do opressor para proteger seu povo. Guerreiro impetuoso, vai acabar com as forças intrusivas. Impedir que tantos filhos daquela terra sejam levados embora, roubados, nos grilhões de uma imensa barca. Mas Exu atravessa. Atrapalha o orixá em curso, impossibilita-o. Permite que aquela desgraça toda prossiga e ainda mais: embarca ele próprio no navio. E vem.

Neste sentido Exu é um mestre numa Capoeira da qual ninguém escapa. Ele nos puxa pra roda e em sua ginga com-funde. Acaba com a gente, com a nossa raça e dignidade; pra que a gente, nossa raça e dignidade comecem. Dá rasteira pra gente levantar e andar. Esconde pra mostrar; mostra



pra esconder. Nos derruba no chão, pra que a gente alcance o céu; se considere. Numa coisa mesmo de constelação. Ele humilha e eleva. Debocha, mas sério. Afunda pro voo. Assenta no erro. Assombra e dá à luz. Abençoa. E quem tiver ouvidos pra viver: escute/Ouçã.

Num dos becos por onde passamos em Havana, quando fomos mandadas com tantas outras pessoas brasileiras para Cuba, uma grande escultura em sucatas aglutinadas apresentando Exu dizia: se você não sabe, não se meta. É assim que traduzimos. Depois muitas leituras disseram que se você não conhece Exu, não deveria se meter com ele. Mas acontece que Exu tem muito mais daquilo e daquele que se mete; precisamente por ignorar. Este mestre ignorante vivendo no ilimite da potência do seu não saber. Que é o nosso.

O que será que se mostra escondendo e se enconde mostrando então aí? Para nós, é como se a idéia fosse: se você não sabe, não se meta a saber... apenas siga não sabendo. Dizendo de outro jeito, para nós, aquilo – tudo – é um convite.

E para nós, aqui, Exu também é um conceito. Assentamento conceitual que encarna a condição humana pela plenitude em sua e nossa mestiçagem. Somos tudo o que sabemos, misturado com o que não sabemos. Esta pura impureza. Raça única mestiça que fracassa tanto em segregar-se dentro, quanto fora. Somos um – não apenas entre gente humana senão entre qualquer vida, ser e coisa nesta Terra. Somos, no mínimo, esta Terra ela mesma. Não há Deus possível, nisto, se este não se misturar em-tudo. Exu, assim, é a expressão de nossa fuga entre tantas encruzadas da Vida... para (não)há-final: extinguir quaisquer dualidades. O X das encruzadas na gira que é a Vida, vira roda. Roda vira; gira-mundo – num borrão em que acontecemos. Tudo junto e misturado, ao mesmo tempo e agora. Exu é isto; mesmo sem ser.

Ou seja: onde muitas de nós prosseguem ainda buscando respostas, sobre a autoria das coisas na Vida, só o que temos – realmente – é o mistério. Exu ginga com a gente e zoa toda nossa idéia; faz a gente zonzar como fez Ogum. Ébrias de tanto movimento. O tempo todo, seus golpes são perguntas. Algo em nós aparenta querer que as coisas sejam o que já foram; que sejam bem como deixaram de ser nalgum tempo. E Exu só parece dizer que não, nada voltará a ser. Que o que será não pode ser nada além de outro. Mas que outro seria? Que outro um será este, que seremos?

Se de repente acabarem as encruzilhadas, acabam os ebós? Acaba a nossa fuga? Se acabar nossa fuga, é porque chegamos? E se chegarmos, é porque há fim? Ou seria apenas o começo, de novo,



depois do meio? Deste meio que brota da gira da encruza – zonga e perdida – borrada que nem um olhar de bebê recém-nascido?

Exu acaba quando acabar o X da encruza? Ou é ali que Exu – e eu – começa?

Muitos dos nossos conceitos parecem aqui relacionados com Exu; descendentes – e ascendentes – dele. E são. Ora, não seria o pedagogo, a pessoa escravizada que acompanhava o filho do senhor colonizador até à escola, que deu origem ao termo pedagogia, um Exu? Não seria a Pedagogia uma coisa então exúrica? Isto que se dá muito mais fora da escola que nela mesma? No descontrole dos caminhos, destes ires-e-vires; que nos controles de uma permanência escolar? Exu é um eu com X no meio. Ele atesta e anula. Um ser e não ser em si mesmo. Nada no em-tudo. Entretanto.

Nosso devir acadêmico está encruzilhado com nosso devir-comunidade. Nós saímos da universidade, no passado, rejeitando-a. Porque nos sentimos rejeitadas antes, por ela. Parecia não haver extensão de fato. A universidade só dava conta de ser universal no sentido colonial do termo; excluindo quase tudo e universalizando-se em sua ínfima minoria. Começamos assim nosso devir-comunidade consciente, ativo e operante. O agenciamento se dando na organização-desorganização-reorganização constante do que chamamos Coletivo Cultural Comunitário Encruzilhada Estrela Dalva (CCCEED). Fazíamos nossa Pedagogia nas trilhas do Pedagogo-Exu, fora da instituição; pelos caminhos. Mas os caminhos nos botaram na barca da universidade de novo. E assim como o Brasil nunca foi o mesmo depois de África aportar aqui; a universidade mudava. Muda ainda – é esta a nossa fé e esperança.

É aí que a escola pode ser também caminho; seu fora. Que entendemos que a subjetividade é também o fora do sujeito. Que o inconsciente é também o fora do indivíduo. Que o eu é também o fora do ego.

Jesus podendo ser e não colonial conforme as apropriações que se fazem. Hamlet sendo e não sendo. Exu idem. Como nós também. Desterritorializando-se todas as nossas certezas. Com a gente finalmente se metendo a não saber; sem fim.

E o devir acadêmico compôs demais em nossa trajetória. Nós o negamos por um tempo; mas Exu nunca. Enquanto isto, o CCCEED se estruturava – basicamente – numa tecnologia de gira. De rodas. A gente foi fazendo muitas coisas. O Sarau da Dalva; o Samba no Maneco; nossa biblioteca comunitária, a Estreloteca; Encruza – nossa editora periférica e popular; Trans Produtora Cultural;



a SARA – coletiva artística não-binária... uma série de projetos entre sonhos e práticas que íamos migrando dos territórios sonhados para os diversos territórios do fazer comunitário de nossa comunidade, local e mundana, numa encruzilhada geográfica que ia compondo nosso mapa; nossa cartografia in-possível. Colaboramos em ações trans-locais que transmutaram conventos católicos em espaços culturais artísticos comunitários na Tunísia; áreas de gentrificação e especulação imobiliária em ocupação e assentamento poético-horto-florestal na Itália. Estávamos tanto na Amazônia Legal, quanto na nossa quebrada de origem, São Quirino e adjacências, zona leste e periferia urbana de Campinas.

Tudo para nós é roda. Vez em quando, alguém pergunta a alguém: tá querendo reinventar a roda, é? E em nosso caso a resposta é sim. Estamos nesta coautoria – da roda – na espécie humana e além dela. Somos aumentando-a, como nossa participação. Este é o nosso co-protagonismo; nossa corresponsabilidade.

É assim que dentre outras tantas rodas, começamos um dia o RoLê das Domésticas; um rolê em si que também funciona como a abreviação de Roda de Leituras. Ele foi a nossa ponte de retorno à universidade. Nós que quase vinte anos antes íamos na ilusão de estarmos sozinhas, da quebrada até a Unicamp de busão; agora voltávamos na certeza do bonde, em bando. Um busão que pegamos bem junto a mulheres periféricas, com suas experiências profissionais nos trabalhos ditos domésticos. Nos rumos de um mestrado em Educação, que depois já foi direto a um doutorado; e que fomos sempre assimilando como nosso. Um doutorado coletivo sim, por que não? E (não)há-final, qual doutorado não seria?

Se temos trabalhado com o RoLê noutras escritas, trazemos dele – ao com-texto deste ensaiartigo – alguns ebós para compor nossa jornada aqui. A escolha deste RoLê para tentarmos o ingresso numa pós-graduação nos foi proposital. O projeto já acontecia na comunidade. E então, se um dia deixamos a universidade por sentirmos que sua extensão não se cumpria plenamente, não alcançando e excluindo nossa gente; nós agora estendíamos a quebrada até a academia, não excluindo-a de nossas potências criativas e colaboradoras. Chegávamos em grupo para com-viver uma pesquisa quando muitos seguiam educados a pensar uma pesquisa como prática individual. Somos um grupo que contém em si mulheres que nem chegaram a frequentar escola primária, como dizem; passar por um processo formal de alfabetização. Mas que se fizeram mestrandas e



doutorandas com a gente no com-junto. Ainda que a instituição não reconheça isto formalmente – ainda...

Mas como a Vida não acontece só no dentro, as coisas tendem a ser muito mais – potencialmente – do que aquilo que a burocracia atesta delas. Assim, quando falamos de um doutorado coletivo, não estamos apegadas a um título; mas à experiência. Dizemos que a Vida em nós interdepende entre três coisas: nos modos como vemos, vivemos; e convivemos o mundo. É da convivência que tratamos ao imaginarmos nossa coletividade também doutoral. O convívio da pesquisa, como possibilidade para não sabermos juntas; com tudo aquilo que isto nos traz – e a que nos leva – entre todos os caminhos.

Ouvimos que Exu no terreiro é rei e, na encruza, ele é doutor. No cancioneiro popular sabemos que todo menino é um rei; que também já fomos reis. Nós, por nossa vez, cantamos em *All mirante, serei-o* o seguinte: Vida é barca de embarcar até que todo caminho se dê no mar / e toda a Terra ser um ilê / todas cabeças, de lemanjá / toda criança ser rei e ser rainha. Não acreditamos que Exu seja rei por exclusão. Ele é rei porque nós somos; reis como rainhas. E assim também ele é doutor. Sem a necessidade de um título; senão que a própria convivência nos faz o que somos. A Vida é nossa pesquisa mestral e doutoral. Estamos aqui para ser. E somos. Somamos... e assim, seguimos nos caminhos do que vem: seremos.

Precisamos assumir a Vida em nós. Liberar os seres e as coisas. Não condicionarmos a idéia de uma pessoa doutora a um título que, sabemos, pode ser comprado. Não sentenciarmos que o chapéu de Exu é preto ou vermelho só pelo lado em que estamos. Não dizermos o que seja de Jesus por um ponto de vista que será sempre, no limite, um ponto de vista. Não nos meter a sabermos aquilo que, no ilimite: nós não sabemos.

Urgente nos parece ser pararmos de colonizar; mesmo quando nos dizemos contra-, des- e de-coloniais. Ainda que tenhamos sim as intenções sinceras para sermos. Burocracia, o certificado, a institucionalização... podem ser métodos doentes pela colonização. Restringir uma palavra a um conceito único e não se abrir a mais percepções da mesma e do mesmo, como outros e outras, é também uma prática colonial. O mundo ainda está repleto de discursos que condenam o apartheid sendo apartadores, que acusam o preconceito sendo preconceituosos; que abominam o fascismo sendo fascistas. Ora, quando cantam “fogo nos fascistas”, o que está proposto aí se não o próprio



fascismo? É como lançar inquisidores na fogueira; fazer um samba contra o samba; uma macumba para a macumba acabar. Estamos há milhares de anos tentando encurtar os caminhos e a verdade é que eles não ficaram mais curtos. Exu também é isto: um bagulho doido; e um processo lento. Mas que não deixa de ser lúcido e vertiginoso ao mesmo tempo.

E é por esta vertigem, talvez, que nos apeguemos tanto aos limites. Sempre que dissermos que algo/alguém é enquanto outro alguém/algo não seja, estaremos colonizando uma idéia. Até que esta idéia – ensimesmada – nos colonize.

Será que Exu se diria um ser de esquerda? Um comunista? Ou um ser ambidestro-ambissinistro? E que nem aquilo que chamamos comunismo, nem o que se chamou capitalismo funcionou; com o futuro – mesmo sendo ancestral – estando bem além de tudo isto? Ao que nos chega, Exu não tem medo de andar. Dure o que durar, viver é isto. Nós dizemos doa a quem doer; doe a quem doar. Enquanto nós colonizamos – mesmo sem querer – seres e coisas, palavras e tudo: Exu está em fuga. Cruzando encruzilhadas, recebendo e dando ebós pelos caminhos. Enquanto até o próprio Exu nós tentamos – ora sem querer, ora querendo – colonizar.

Arriscamos o seguinte: Exu é devir. Toda colonização é anti-Exu; antidevir.

Retornar à universidade nos foi vital, no sentido dos percursos de nossa pesquisa mestral e doutoral abrirem ainda mais nossos caminhos pelo devir-comunidade; como povo por vir. Em suma esta costura complexa, o fazimento comunitário, sempre foi o nosso multifoco. Mas os percursos da pesquisa nos permitiram a constituição deste sonho numa prática muito mais embasada, pronta para conviver melhor; aumentando em nós as potências de Vida.

Nós dizemos nós assim, com is e os pingos dos is, para dizer como falamos; como somos. Um nós que não exclui. Que se pode conjugar no singular porque é isto que nós é. Um nós-comunidade, que chamamos hoje de noisismo numa mobilização de eus que não excluem outros eus. De reis e rainhas que não precisam da exclusividade de serem reis e rainhas isolada-mente. Onde não reinemos sobre outros seres e outras coisas, para reinarmos com eles e elas e elos. Estando com a Terra mais do que somente nela. Sempre outros e outras; sempre uma e um.



Dizemos nós para atizar a língua. Mesmo motivo de mantermos o acento em nossa idéia. Nosso português é vivo, brasileiro, pretuguês; e kaligráfico. É exúdico por ser em-tudo. Devir-língua, devir-beijo; devir-silêncio. Não havendo nada que não possa ser.

Na condição de poetas, dizíamos por brincadeira que nos tínhamos formado em poesia pela/o Universo. Sendo o mesmo que dizer que tudo aqui é escola; como tudo aqui é caminho. Nossa formação é poética, é política; e é constante.

Formação-deformação-transformação-performação-aformação-informação...

Metamorfoses.

Universal pode ser um termo colonizado pelo colonialismo, sim. Mas também pode ser uma perspectiva a se considerar. Algo onde constelamos. E o universo não é, não será o bastante. Nossas universidades um dia serão universais em sentido liberto; não colonizado. E depois disto elas serão ainda multiversidades.

Duvidamos que Exu, enquanto pedagogo, rejeitaria a escola. Para alguns de nós, por exemplo, pode se fazer relevante ter que escolher entre Paulo Freire e Jacques Rancière; entre caminharmos uma educação para a emancipação de nós, ou que parta já desta premissa, de que todas somos – desde antes – emancipadas. Não nos surpreenderia, pois, que víssemos Exu caminhar de mãos dadas com ambos; numa ignorância-autônoma-relacional, interdependente e maravilhosa.

É que a Vida só existe em com-fusão. É daí que se originam todas as coisas com todos os seres da Terra, fundindo átomos que nos fazem descendentes diretas de estrelas longínquas. Ou seja: não somos apenas todas indígenas; somos todas estrelas.

E é por isto que precisamos, a cada dia, reinventar a roda. Aumentá-la com o mundo e além dele. No Sarau da Dalva dizemos: uma estrela sozinha não faz constelação. Quando constelação é o que queremos fazer; nada menos. Acreditamos que gente é para brilhar sim. Mas que este brilho é para ser com-junto; constelado. Conste: lado a lado.

Conste: lar. A Terra como nossa casa. E sermos nosso próprio lar porque somos a própria Terra. Tudo que é colonial perde qualquer sentido quando estendemos nossa habitação a isto; quando estendemos nossa família – e mesmo nossa própria presença-eu – a isto. Assim, quando eu diminuo a potência de qualquer vida na Terra, ser e coisa, eu estou diminuindo a minha. Exu é um



revolucionário por nossa cidadania planetária. Pela com-fusão de nossos corpos e espíritos. Exu talvez não queira fogo nos fascistas. Mas ele certamente há de querer que uma cigana analfabeta leia a mão de Paulo Freire. Que Jacques Rancière se matricule em aulas com Heloide, uma das mulheres de nosso grupo.

Lidamos com uma idéia de poesia expandida. Tudo sendo poesia; sempre. Tudo sendo sempre arte. E a arte sendo Vida. Nossa cultura é viva. Não se separa da natureza. Assim, tudo que fazemos é por isto; por tudo. Por todas. O RoLê das Domésticas surgiu para envolver um público específico; a partir de uma demanda legítima e identificada. Mas quanto mais a roda girava, mais nós percebíamos – juntas – que a idéia, sem fim, não era só aquela. A idéia era estender, considerar; constelação. É assim. Quando fazemos uma roda costuras, não é apenas sobre costurar. Quando fazemos uma roda de cozinhas, não é apenas sobre cozinhar. Tudo é sempre sobre/sob, ao lado e através de; em-e-com algo/alguém mais.

Logo de cara tivemos problemas com termo doméstico/a. Mesmo assim assumimos que aquele era um nome a se manter, ao menos provisoriamente. Aliás: sempre provisoriamente. Éramos um nome em devir. Havendo uma importância em ser como era; tanto quanto havendo uma urgência em mudar. Era isto. O processo, os caminhos; as encruzas.

Um dia mudaremos certas palavras. Assim como vamos mudando as línguas. Como a idéia a mudar as práticas. O mundo. Devolver nossos rolês à Vida. Este texto – esta com-fusão – é isto: um padê. Que mexemos, remexemos; e apimentamos. Suas ardências só ardem – suas picâncias só picam – por amor.

Quando na roda de cantorias alguém não queria cantar, podia participar mesmo assim. Porque maior que os nossos cantos, era e é a própria roda em si. Estávamos e estamos recriando esta tecnologia, da roda; das giras. Fazendo rodas disto; círculos daquilo. E eré (para nós, verbo com-junção de era e é) tudo a mesma coisa... (não)há-final.

Nunca dissemos aqui que foi e seja tranquilo. Fazer comunidade é nossa sina, mas também: o nosso desafio. Vixe... é muita treta. Mas é isto. O que Exu diria do Movimento Negro, por exemplo? Talvez: que o Movimento Negro só exista com o negro em movimento. E o negro em movimento é devir. Para onde? Não sabemos. Não nos metamos a saber.



Tudo que dizemos é atrevido e ousado, assumimos. Mas também é muito respeitoso. Estamos pedindo agô e a bença o tempo todo. Outrossim, não queremos concluir nada. Sonhamos, antes, com as coisas inconclusas. Como os seres que somos.

Nossas rodas sempre se re-metem ao plural: roda de leituras, não de leitura; de escritas, não de escrita... e por aí indo. Isto porque já sentíamos que as possibilidades são múltiplas; infinitas. Nas tradições védicas, as escritas são circulares; espirais. Quando você se perde nas leituras, se re-torna ao início. Tudo está sempre começando depois do começo e do meio. Assim se faz a base pro espiral ganhar profundidade, altura; em multidimensão. Nossas práticas de escritas vêm sendo assim com os anos. Dizemos mânticas. Elas giram e giram; retornam mas sem retornar. Avançam sendo sempre outras coisas-seres; sempre a mesma. Começando de novo e de novo. Parecendo repetitivas – e talvez sendo.

Por isto a com-fusão deste com-texto. O que queremos mesmo dizer é o indizível. Assim, o que nos resta é o jogo. Dizemos ser um pega-pega em que, como as pegadoras, sabemos que nunca vamos pegar; que nunca vamos saber. Então a graça existe em tentarmos aproximar ao máximo. Ficar por um triz; tirar uma fina – como se diz. É mais ou menos isto que dizia um autor que ouvimos certa feita, ao falar-se de utopia. E ele foi seguido por outro; que foi mais direto. Noutras palavras, nesta tradução nossa, dizia: se eu entro neste jogo de pega, não descanso enquanto não pegar e pronto. Aqui – de novo – evocamos a encruzilógica: Exu de mãos dadas com Paulo e Jaques; Saramago e Galeano. Não precisamos engessar a idéia de que nunca peguemos o que seja neste jogo. Apenas sentirmos que, ao pegarmos, ele/a/o instantaneamente se metamorfoseia em outra/o; isto/este/a – mesmo/a – ainda por pegar. É como constatarmos que quando chegamos à resposta, a pergunta simplesmente muda. O Movimento Vida; Vida em movimento.

Assim temos a exodologia como um caminho sem metas além do próprio caminhar; o procedimento simples – e radical – de apenas proceder.

Todas as vezes que falamos com jornalistas, em entrevistas para matérias, tivemos problemas. Como hoje sentimos ser um vacilo lidar com a subjetividade sem considerar o que está fora do sujeito e da sujeita, sentíamos dantes que a objetividade jornalística fracassa sempre que o assunto for a Vida. Quando sabem que fazemos música, muitas vozes – muitas vezes – nos perguntam: ah é, e que tipo de música você faz? Que tipo de livro, de literatura você escreve? E



acontece que, muito embora a resposta possa ser direta; ela também pode muito bem não ser. Podemos apenas fazer música/s. Apenas compor poesia; e mesmo sequer compô-la: sermos, simplesmente, compostas por ela. Queremos tanto significar a Vida, mas talvez a Vida não funcione assim. Uma das mais recentes experiências que tivemos foi com o *La Repubblica*, da imprensa italiana. A jornalista depois de nos ouvir por alguns minutos num bar nos interpela: não parece possível... assim até parece que vocês fazem tudo, como vocês podem fazer tudo? E a nossa pergunta de volta foi esta: não fazemos nada... como poderíamos fazer menos?

Exu é paz no desassossego. Esta desterritorialização não pode ser um sofrimento se quisermos que funcione pela Vida. Temos este poeminha chamado *despejo* que diz: perdeu o teto / ganhou o céu. Entre a escrita destes versos e a deste ensaiartigo, vivemos um despejo com duas crianças de colo em plena pandemia. Não romantizamos a dor. Não passamos pano – com um poema destes – para a ganância humana, a concentração de renda e de terra, a especulação imobiliária, a gentrificação, a falta de moradia digna para todas. Não. Ao mesmo tempo, com um poema assim, a gente estende... Exu é este que escapa sem parar. Que erra, e erra; e erra. Por que levantarmos bandeiras? Vale a pena erguer alguma, se esta então deixar algo/alguém – da Vida – de fora? Para nós: não.

É uma tentação para pessoas posicionadas mais à esquerda reagirem com violência às violências de pessoas mais posicionadas à direita. Quando um representante de lá pode ser punido, espera-se cá sua punição com a mesma sede que esperou ali um dia a punição do líder daqui. A baba que escorre nas nossas caras é a mesma; não importa o lado que se escolhe. O desejo de fogo nos fascistas é a expressão do mesmo fascismo que se manifesta na Terra, pelo humano, desde muito antes do termo fascista ser cunhado. É uma ânsia genocida, de extermínio, no sentido de que: queimar todas as pessoas com posturas fascistas – hoje em dia – seria aniquilar sem dúvidas e no mínimo a maioria da população humana do planeta. Quem nunca foi fascista, aliás, que ateie o primeiro fogo. Mesmo entre deuses/deusas e orixás, quem é que sobraria? Pelos mitos e itãs que nos chegam, talvez não muitos/as. Mas tudo muda se atearmos fogo no fascismo, ao invés das chamas identificadas. Tudo muda neste ritual sem nomes, rótulos e placas. O fogo arde o seu devir; faz transmutar a coisa e o ser em nós – na Vida.



Alguma coisa muito séria muda quando começamos a pedir pela saúde dos seres e das coisas, ao invés de suas doenças. Quando passamos a esperar a cura em vez da dor. Quanto a vingança passa a ser de uma boa semente que brota; gerando potência de Vida. Da floresta se reflorestando em si e em-tudo. Quando vingar é viver; e não matar. Quando a gente passa a matar o mato, no sentido de fazer mato – devir-mata – metamorfoseando o verbo e a prática numa coautoria de Vida. E também quando a gente desmata a morte, no sentido de não mais tentar contra esta Vida; e apenas sê-la. Até morrermos porque, neste sentido, mesmo aquilo e aquela e aquele que morre: viverá.

É assim que começamos – a partir do RoLê das Domésticas, para depois estender por toda a comunidade em múltiplas giras – a RoSa, nossa roda das saúdes. Um ambiente de cuidado mútuo e comunitário acreditando que as doenças não sejam expressões individuais, mas coletivas; em corpos e situações diversos/as. E que a saúde, portanto, só pode ser coletiva também.

Cada coisa destas, que fazemos, são ebós ofertados à Vida das nossas vidas. Pelas nossas fugas nos caminhos. Nas encruzas e além delas. Para nós é importante isto: firmar que a encruzilhada, a encruza, não é o fim; mas um meio. Exu vive nas encruzilhadas por viver no devir destes caminhos. Queremos andar e conviver com ele não como uma entidade identificada; mas como uma potência em si e em-tudo. Em nós.

A Editora Encruza surgiu em nosso devir-comunidade como uma editora que pudesse ser comunitária, periférica e popular, sem fins lucrativos e até os confins das possibilidades editoriais; publicando livros de tudo quanto é jeito/forma, de tudo quanto é voz, de tudo quanto é gente. Além desta multiplicidade, quisemos uma editora que mantivesse uma relação mais amável e cuidadosa com autores/as e todas as pessoas da rede co-produtiva da literatura. Todas as vezes que algo/alguém nos diz que alguém/algo não é bom o bastante para se publicar, nós vemos a situação com um jeito exúdico; mediando assim o viver e o com-viver que daí se seguem por todos os desdobramentos públicos, poéticos e políticos destas relações. Estamos, em-tudo, (des)educando nossos modos de ver – como sentir/acessar – e viver aqui; convivendo num viver-com-por (n)este mundo.

Tudo vai acontecendo – ah-com-tecendo, como gostamos de expressar – num tempo-espço e espço-tempo que são lineares como não. Exu, aí, desestabiliza toda e qualquer noção fixa que



tenhamos. É isto. Não há equilíbrio estático na Vida; nem um desequilíbrio estático poderia haver. Todo equilíbrio é também desequilíbrio na dinâmica em que se dá. É do movimento que se trata. E o mover é desestabilizar.

Tanto que atuamos em nosso território e sentimos a importância do fazer local, sem com isto evitarmos de agir do outro lado do planeta; num sentido de não escolhermos lado – e de escolhermos todos. Por não vermos diferenças entre nós – aliás, por as vermos sim, muito; mas por elas não nos segregarem no sem fim das contas. É o que se dá quando o corpo vira o território. Como uma incorporação desterritorializante. O corpo humano que vira no santo e faz o santo em Terra. A Terra que vira no corpo. Terra se fazendo corpo; corpo se fazendo Terra. Esta Terra, uma roda... que gira. E nós nos reinventando: num mundo-como-um.

Todas as nossas rodas sempre têm comida. Comemos e bebemos juntas. Isto é imprescindível. Padês; ebós. Nossas práticas precisam au- e ali-mentar. São os mantimentos de que nós tratamos. Não importa se lidamos com cinema, com literatura, com plantas, agulhas, linhas ou filosofia: é preciso nutrir; crescer nas potências da Vida. E quando um grupo de futebol ou poesia alcança alguma tecnologia potente para o viver-com, em grupo, esta potência pode se valer além da sua singularidade. Porque a Vida não é sobre isto ou aquilo; mas desdobra-se em si mesma. A Vida é sobre/sob/em viver, viver e com-viver a própria Vida.

Ou seja: tudo em relação com tudo; num processo constante de coautoria. Qualquer coisa menos generosa que isto seria mesquinho de nossa parte. Exu então surge como esta abundância e prosperidade, pervertendo as noções de escassez que são como grilhões para este mundo. Potência transmutadora; operador – sempre teórico-prático, nunca uma ou outra coisa – da trans- e inter-disciplinariedade. Força-Vida, como costumamos dizer.

Esta mediação entre-mundos. Paulo e Jacques; José e Eduardo; nosso devir-quebrada-comunidade com o devir-ciência-academia. Exu como ebó ele mesmo. Sustento para a fuga deste mundo noutro. Da encruzilhada para além de si mesma. Do fora para dentro. Como um yin yang vivo, escapando da imagem fotográfica que vemos: estanque. Aquilo multidimensional e rodante, por todos os lados possíveis-in-possíveis; num cinza-mestiço que borra qualquer distinção. Fronteiras sendo casas. F(r)ontes. A queda dos muros. Sermos lares; lugares-não-lugares. Conste: lares. Este mar que não separa... re-une. Mar virado ponte. Terra que vira barca.



Povos humanos que vivem embarcados em casas-ilhas flutuantes da China ao Peru quando aportam em terra firme mareiam: passando muito mal. Imaginem o que não aconteceria se a Terra interrompesse – súbita – sua velocidade de rotação de até 1.700; ou ainda a sua velocidade transladando a 107.000 quilômetros horários...

Não há Vida sem isto. Exu é a chave do mundo como Realismo Mágico. Este ser-e-não-ser sendo. Nós dizemos: a vida é real; fique são. Fiquemos sãs nestas não separações. Ficção-Realidade. Somos todas crias da mesma quebrada. Cantos do mesmo canto-em-canto. E Exu é tecnologia de feitiço; como de feitiço. Somos seres encantados num mundo com coisas encantadas onde viver – e até morrer – é se encantar.

Para que querermos atalhos, se o caminho é a própria a Vida? Para que abreviar, conter ou concluir a experiência?

Conforme fomos caminhando, nos percursos do nosso doutorado, nas duas qualificações que convivemos – mestral e doutoral – os apontamentos todos direcionados à nossa pesquisa sorviam também o seu aspecto de medicina e clínica. E aqui confirmamos Exu como outrossim um curandeiro. Hoje, temos a cura como o próprio devir em acontecimento – a doença seria estagnar. Os caminhos são as vias da saúde. E o ver-viver-conviver da Vida, nossos atos/gestos curadores como curativos. Tal a prática mesma duma curadoria. Curadoria que esperamos ah-com-tecer cada vez mais como experiência com-junta; coletiva. Algo – método/procedimento – que chamamos colcha de retalhos. Uma colcha que, na condição comum de coautoras, vamos aumentando.

O RoLê nasceu como uma roda de leituras no sentido literário. Para lermos *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, da Carolina Maria de Jesus; e partir dali seguirmos, não sabendo para onde. Mas havia, no início, uma questão deliberada com os livros e suas leituras. Suas letras e palavras. Havia uma relação com a alfabetização, a não-alfabetização e a analfabetização funcional de mulheres nas periferias urbanas como a nossa. Havia ainda uma aposta nas narrativas de si como caminhos. Ou seja: confiávamos que ao lermos Carolina, as mulheres em nosso grupo também escreveriam. Bem como ouvimos e dizemos: ô, dindinha, a agulha puxa a linha... nós confiamos que as narrativas de si, de Carolina, puxariam as narrativas de si destas mulheres. Assim, nossa roda de leituras nascia já com o sonho de ser também – e inseparavelmente – uma roda de



escritas. Coerentemente, não considerávamos só as escritas literais; mas as oralidades no com-junto. E logo as leituras não se davam apenas nos livros, mas nas escutas mútuas e ativas que fazíamos. Nos vídeos e filmes assistidos. Podcasts que também escutamos. Canções. Nas notícias da imprensa, jornais e revistas. Fotografias e imagens diversas. Íamos lendo tudo coletivamente. E escrevendo de volta. Com escritas literais, oralidades. Gravações de voz, imagens fotográficas; registros audiovisuais. Podíamos cantar, dançar e encenar. Desenhamos. Muitos artesanatos surgiram. Tantas costuras. A culinária; sempre – imprescindivelmente. Colagens e diversas artes visuais. Pintando e bordando. Tudo era grafia; meios de documentar, arquivo. Memória viva. Criação ativa. Relação em comunicação. Tudo de fruir era ler, não importando o quê. Enquanto tudo produzido era uma escrita; entre todas possibilidades. Era e continua sendo esta kaligrafia, que assentamos.

Desde a nossa criancice nós brincamos com palavras. Como pessoas mestiças, compreendemos apenas as palavras mestiças. Ou seja: a palavra método – num exemplo – se desterritorializa da Grécia para ser do mundo; mestiço que este é. É por aqui que podemos dizer the and, ao sem final de nossas histórias. Ou ainda onde road, para indicar que o lugar é o caminho. Ou ainda rir we go, por sabermos que tudo o que temos é a possibilidade de brincarmos – responsavelmente – nossa experiência nesta e com esta Terra. Para que seja um devir divertido – uma devir-tida-diversão. Também em tudo isto está Exu. No lúdico exúdico, na graça da Vida; como no fracasso de Babel. Por um lado, não precisamos mais a verticalidade da torre; constituímos pontes, horizontais e arcos, ao invés. Já por outro: a dissidência entre as línguas nunca nos impediria de comunicar...

Guardamos até hoje uns guardanapos com desenhos pelos quais nós conversamos com pessoas locais em um boteco do Japão, quando por lá chegamos. É Exu nestas mediações. Não nos espantaria que num mundo ainda mesmo deste, num futuro próximo, exista no Brasil uma bancada umbandista e/ou candomblezeira como a evangélica que vemos hoje – na política partidária representativa. Cabe lembrarmos que o povo evangélico já foi muito oprimido no país. É assim que movimentos revolucionários pelo Sul global retomaram o poder em suas nações e, com o tempo, transformaram-se nos opressores piores que aqueles contra aos quais tinham lutado. A Terra gira. É a volta do mundo, camará.

E quem é que ganha o jogo se o jogo não termina?



Resta um dia de cada vez; um passo após o outro passo. No presente da curadoria constante do que vemos-vivemos-convivemos neste em-tudo do com-junto. Resta amar, porque o desamor é só ausência... Começamos a dizer num certo tempo, há muitos anos nas ações de nosso coletivo, que tudo – considerando todos e todas – era bem-vindo; exceto o desamor. Isto que é um posicionamento poético-político, e poderia também ser compreendido com um ponto de exclusão; era de repente apenas um convite total a esta presença.

A presença que só pode mesmo ser: total. Pessoas por um lado fazem a Marcha para Jesus. Daí, de repente por outro, pessoas fundam a Marcha para Exu. Mas talvez nenhuma das identificações fosse preciso se nossas marchas fossem todas – sempre – as marchas da Vida. Aqui, nós andamos com muitas dúvidas; é verdade. Todavia, nenhuma delas consiste em tirarmos a fé do seguinte: Deus é amor, Exu é amor; eu sou amor.

Faz tempo que mantemos esta barba. Na última vez que a tiramos, uma criança de dois anos de idade chorou; desesperada. Semanas antes, ela nos tinha perguntado por que uma barba tão grande? Ao que respondemos: a barba é como o amor, ué... se deixar, cresce. E no dia da navalha a criança só queria saber para onde tinha ido, então, o amor? Contamos isto, não para justificar o fato de nunca nos termos barbeado, mas a com-textualizar que o desamor só se opera numa ausência. Ausência que reprime, impede outras presenças se manifestarem numa diversidade potente e pacífica. Ausência fascista; que exclui. Genocida, geocida, epistemicida, dentre tantas mais disposições para matar. Uma ausência que assassina o presente; diminui a potência da Vida – em sua toda-complexidade.

Por isto o desamor não entra neste texto. Para ele, nosso corpo-território – nosso corpo-Terra – está e é fechado. Para todas as demais possibilidades: aláfia em abertura.

Assim este texto, ensaiartigo, é uma grafialáfia. Abertura de nossos caminhos. Exu é também este que brinca, como vimos. Não é à toa, que nesta língua viva – kaligráfica: amor e humor são tão parentes. Daí, o que fizemos aqui foi jogar. Nossa ginga; nossa capoeira. Este brinquedo gráfico de em-canto; isto de ser-estar. O pega-pega que aqui nos coube. Do que dissemos que diríamos, muito foi dito e muito não. E daquilo que não anunciamos nos dizeres introdutórios, muito seguiu indito sim; no indizível. Como muito também se deu e dá, aqui, por se dizer. Este texto-Exu, Seo Sete-Tópicos, fez o seu caminho de escritas. E o refará além – olaxá... nas suas leituras.



Tudo dando no mesmo. Este texto, (não)há-final, não significa nada. Mas queremos que funcione, como coautor, no aumento das nossas potências de Vida. Um ebó-pra-nóis, como ora-pro-nóbis. Um padê de Exu. Com-firmando aqui a nossa escolha, consciente – com a bença e a licença – neste ensaiartigo, para não demarcarmos referências. Não porque elas não existam; senão porque elas são tudo o que nos trouxe até aqui. Inúmeras. Tantas quanto quase trinta páginas de ensaiartigo não poderiam jamais conter; nem limitar. Por outro lado, já dissemos: tudo aqui é coautoral. Nada é sozinho, não; nunca só. Exu é a mediação que, também por aqui, atravessou a tudo. Sendo a referência comum e como-um que assentamos.

Fora isto, resta o amor. E – isto-nele-ele-nisto – nos basta.

Enquanto no re-começar do poema que primeiro incitamos, vejamos cá-ali uma coisa. O [eu] é aquilo – aquela, aquele – que está preso em si mesmo. Do ateu até Deus. Com Jesus e Exu. O [eu] é este minúsculo que se inscreve no meio. Uma parte que cabe. Até, quem sabe, acabar... e já não mais caber.

Corre a gira da Vida, o giro do mundo; neste texto. Exu fica zonzo de súbito na roda das encruzilhadas. Reinventa-se a roda de novo. Mais uma. Exu do jeito que deixou Ogum – e nós – nem vê que a encruza já sumiu... como um barco que zarpou; partiu. Exu sem X. Exu-eu, ué; assim. Todas nós. Não mais uma entidade/identidade. Só o fora que, agora dentro, nós deixamos de conter.

EU

DEUS

JESUS

EXU

Leia-se e escreva-se isto de todas a todas as partes e direções. O Sul do Sul é o Norte. O Oriente do Oriente é o Ocidente. E a Vida não é pela metade. Não há esquerda sem direita, nem fascismo que defenda a Vida. Não há desamor pelo amor; guerra por paz. E todas as guerrilhas que vierem, enquanto for preciso, serão ilhas de passagem... mas o que queremos mesmo – e somos: é (o/a)mar.

Exu toma conta.



Exu presta conta.

E assim nós pedimos licença e a bença para sair – mesmo ficando. Agradecendo muito por tudo. Seguimos na gira, no mundo; ao dispor dos encontros que aumentem potências de Vida. Numa lida esta, trabalho de grupo, por sermos a Terra... em devir-amor. Esperançamos que este texto seja um tempo-espaço e um espaço-tempo para tanto; disto. Odara ser-estar aqui. Saravá todas leituras, todas escritas. Nas encruzilhadas e além delas. À coautoria. Pelas curas com curadorias. E aos nossos caminhos; sempre.

Para quem veio e pro por vir. Para quem é a quem vem-será:

Axé, axé... e mojubá.

Recebido em: 15/09/2025

Aceito em: 15/10/2025

[1] Universidade Estadual de Campinas. Email: contatorafacarvalho@gmail.com